

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO  
GRANDE DO SUL

MATEUS RIGOTTI

**INVESTIGAÇÃO DA ESTABILIDADE HIDROLÍTICA DO POLIURETANO  
APLICADO EM COMPONENTES DE SUSPENSÃO VEICULAR**

Farroupilha

Maio de 2020

MATEUS RIGOTTI

**INVESTIGAÇÃO DA ESTABILIDADE HIDROLÍTICA DO POLIURETANO  
APLICADO EM COMPONENTES DE SUSPENSÃO VEICULAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Tecnologia e Engenharia de Materiais para obtenção do grau de  
Mestre Profissional em Tecnologia e Engenharia de Materiais.

Área de Concentração: Tecnologia e Engenharia de Materiais

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento de Materiais de Engenharia

Orientador: Dr. Douglas Alexandre Simon

Coorientador: Dra. Eveline Bischoff

FARROUPILHA



Dissertação intitulada **‘INVESTIGAÇÃO DA ESTABILIDADE HIDROLITICA DO POLIURETANO APLICADO EM COMPONENTES DE SUSPENSÃO VEICULAR’**, de autoria de **‘MATEUS RIGOTTI**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Prof. Dra. Janaina da Silva Crespo  
UCS – Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Fabricio Celso  
Universidade Feevale

Prof. Dr. Edson Luis Francisquetti  
IFRS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Eveline Bischoff  
IFRS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Douglas Alexandre Simon  
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Farroupilha

Prof. Dr. Douglas Alexandre Simon  
Coordenador do PPG-TEM

Data de aprovação: 08 de maio de 2020

Rua Avelino Antônio de Souza, 1730 | Bairro Nossa Senhora de Fátima | CEP: 95043-700 |  
Caxias do Sul/RS OU  
Avenida São Vicente, 785 | Bairro Cinquentenário | CEP: 95180-000 | Farroupilha/RS OU  
Rua Princesa Isabel, 60 | Bairro Vila Rica | CEP: 95770-000 | Feliz/RS

## RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo verificar a estabilidade hidrolítica de um componente utilizado na indústria automotiva como parte da suspensão de veículos tipo eixo rígido e barra longitudinal. Essa constituição é empregada onde o curso de suspensão necessita ser elevado, sendo que as buchas, coxins, aplicadas nas barras longitudinais tem a função de dissipar energia e, se estiverem em más condições, irão afetar a dirigibilidade e a estabilidade do veículo. Nesse contexto, os parâmetros de processo, como temperatura e umidade, bem como a formulação são os principais fatores na fabricação de um componente polimérico através de um pré-polímero de poliuretano, os quais definem a cinética da reação, assim como as ligações e as interações químicas resultantes, determinando as características finais do material. Uma das aptidões esperadas do poliuretano, quando aplicado em componentes utilizados em contato com água, é a resistência à hidrólise. Sendo esta pesquisa constituída pela exposição de um poliuretano poliéter TDI (tolueno di-isocianato) polimerizado a diferentes proporções do agente de cura, MOCA (4,4' metileno-bis (orto-cloroanilina), em um ambiente suscetível a reações com água a 70°C. Neste caso, este material é aplicado na fabricação de buchas de suspensões tipo eixo rígido barra longitudinal. Ensaio mecânicos e avaliações de DSC, TGA e FT-IR das amostras e do pré-polímero são conduzidos para a caracterização das diferentes formulações, evidenciando-se a relação desfavorável dos parâmetros de proporção do agente de cura com a resistência à hidrólise, onde constata-se a despolimerização dos grupos uretano e éter, assim como a menor retenção da tensão de escoamento. Essas descobertas subsidiam o desenvolvimento de modelos preditivos para o desempenho e a vida útil dos poliuretanos quando aplicados em ambientes suscetíveis à hidrólise. E, também fornecer critérios de inspeção, avaliação e comparação através das caracterizações realizadas.

**Palavras-chave:** Poliuretano, pré-polímero, MOCA, hidrólise, bucha, suspensão.

## **ABSTRACT**

This research aims to verify the hydrolytic stability of a component used in the automotive industry as part of the suspension of rigid axle and longitudinal bar vehicles. This constitution is used where the suspension stroke needs to be raised, and the bushings, cushions, applied to the longitudinal bars have the function of dissipating the energy and, if they are in poor condition, they will affect the drivability and stability of the vehicle. In this context, process parameters such as temperature and humidity, as well as formulation are the main factors in the manufacture of a polymeric component through a polyurethane prepolymer, which define the kinetics of the reaction, as well as the resulting chemical bonds and interactions, determining the final characteristics of the material. One of the expected aptitudes of polyurethane, when applied to components used in contact with water, is the resistance to hydrolysis. This research consisted of the exposure of a polyether polyurethane TDI (toluene di-isocyanate) polymerized to different proportions of the curing agent, MOCA (4,4'-methylene-bis (ortho-chloroaniline)), in an environment susceptible to water reactions at 70°C. In this case, this material is applied in the manufacture of suspension bushings to type rigid shaft longitudinal bar. Mechanical assays and evaluations of DSC, TGA and FT-IR of the samples and prepolymer are conducted for the characterization of the different formulations, evidencing the unfavorable relationship of the parameters of proportion of the curing agent with the resistance to hydrolysis, where it is observed the depolymerization of the urethane and ether groups, as well as the lower retention of the yield stress. These findings support the development of predictive models for the performance and service life of polyurethanes when applied in hydrolysis-susceptible environments. As well as provide inspection, evaluation and comparison criteria through the characterizations performed.

**Keywords:** Polyurethane, prepolymer, MOCA, hydrolysis, bushing, suspension.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 OBJETIVOS.....	2
1.1.1 Objetivo geral.....	2
1.1.2 Objetivos específicos.....	3
2 ARTIGO 1: INVESTIGAÇÃO DA ESTABILIDADE HIDROLÍTICA DO POLIURETANO.....	4
3 ARTIGO 2: INVESTIGATION OF THE HYDROLYTIC STABILITY OF POLYURETHANE APPLIED TO VEHICLE SUSPENSION COMPONENTS.....	12
3.1 DISCUSSÕES EXTRAS.....	33
4 CONCLUSÕES.....	34
4.1 POSSIBILIDADES DE TRABALHOS FUTUROS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

## 1 INTRODUÇÃO

Os poliuretanos são materiais quimicamente e morfologicamente muito adaptáveis, cobrindo um amplo espectro de propriedades possíveis e, portanto, um vasto campo de aplicação, como: tintas, espumas e produtos rígidos, tais como pneus de *roller*, *skates*, calçados e martelos [1-4]. Também, os poliuretanos são utilizados na indústria médica [5-7], porém polímeros sintetizados com TDI (tolueno di-isocianato) ou MDI (difenilmetano di-isocianato) não podem ser aplicados em seres humanos devido aos seus efeitos nocivos [6]. Ainda, estudos de biocompatibilidade são um fator fundamental e podem ser utilizados para ministrar tratamentos, onde a degradação é requerida, porém, deve ser controlada [8-9].

Na indústria automobilística, os poliuretanos são aplicados, principalmente, na forma de elastômeros em componentes de suspensões. Suspensões tipo eixo rígido e barra longitudinal são empregadas onde o curso de trabalho necessita ser elevado, devido a aplicação fora de estrada e, conseqüentemente, em ambientes alagados, veículos militares são, geralmente, projetados dessa forma. Uma vez que as buchas de poliuretano, aplicadas nas barras longitudinais e *Panhard*, tem a função de dissipar energia e, se estiverem em más condições, irão afetar a dirigibilidade e a estabilidade do veículo, além de transmitir ruído para os ocupantes do mesmo, faz-se necessário o conhecimento dos mecanismos de degradação e o controle de processo, formulação (exemplo: quantidade de Isocianato) é crucial para atingir de propriedades requeridas, uma vez que os componentes básicos, formulação e parâmetros de processo foram selecionados adequadamente.

Os danos estruturais podem ser classificados em macro e microscópicos [10]. Em escala microscópica os danos podem ser micro trincas como resultado de impactos ou tensão residual. Sendo, as micro trincas, a maior causa de falha nos materiais devido a sua natureza de serem indetectáveis, e também por induzir a fragmentação da estrutura, leva à redução das propriedades mecânicas. Ainda, esses defeitos internos, servem como catalizadores para futuros danos: macro trincas, inchamento por umidade e descolamento [10]. Todos os polímeros podem ser despolimerizados, os poliuretanos podem ter sua cadeia rompida quimicamente por 8 maneiras: hidrólise, termólise, oxidação, fotólise, pirólise, microbiológico, solvólise e trincas induzidas por tensões do meio [3].

Neste trabalho, onde a resistência à hidrólise é estudada, os métodos de ensaios foram estabelecidos com base em publicações realizadas, correlacionando o material empregado

com as características esperadas. O ensaio de tração se mostra o mais adequado para se correlacionar a resistência à hidrólise com as diferentes amostras, onde observa-se a perda de propriedades mecânicas [11-14]. Estes, conduzidos segundo a norma ASTM D638 [15]. Até mesmo a ASTM D3137, determina o ensaio de tração como critério para determinação da estabilidade hidrolítica de borrachas [16]. As avaliações de DSC, TGA e FT-IR das amostras e do pré-polímero são conduzidos para a caracterização das diferentes formulações, assim como relacionar as diferentes amostras com as alterações características da degradação do material em estudo.

No que diz respeito a resistência à hidrólise, ensaios conduzidos a 70°C e imersos em água são a combinação ideal para evitar interferência por degradação biológica, encontradas em temperatura ambiente. E, por estarem imersas evitam oxidação [17]. Contudo, altas temperaturas, como 100 e 120°C, são condições severas para os poliuretanos e deterioram tanto os de base poliéster como os de poliéter [11, 13, 14, 18]. Aparentemente, os grupos uretano, ureia, biureto e alofanato também são hidrolisados a elevadas temperaturas [14]. Tempos de exposição são reduzidos a um fator ao redor de 60 quando se aumenta a temperatura da água de 50 para 90°C [10].

O material citado é empregado em ambientes alagados, portanto faz-se necessário o conhecimento dos mecanismos de degradação, sendo um deles a hidrólise.

Os artigos 1 e 2, presentes nos capítulos 2 e 3 – abaixo, são sequenciais. No primeiro artigo, artigo 1, buscou-se o entendimento do fenômeno e parâmetros para avaliação presentes da literatura. Então, através dos ensaios realizados (tração e infravermelho) é possível avaliar que existe a presença do mecanismo de degradação citado (hidrólise) nas condições consideradas.

Já, no Artigo 2 as análises realizadas têm o objetivo de caracterizar as diferentes amostras e criar parâmetros mensuráveis de comparação entre elas, assim como, identificar as interferências que o mecanismo de degradação estudado provoca nas propriedades térmicas como resultado das alterações oriundas das ligações químicas.

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo geral**

Relacionar diferentes proporções de pré-polímero e agente de cura com a resistência à hidrólise do poliuretano (PU) termofixo, base poliéter, TDI (tolueno di-isocianato).



### **1.1.2 Objetivos específicos**

- Avaliar 3 proporções de pré-polímero/agente de cura diferentes;
- Caracterizar as propriedades mecânicas (dureza e tensão de alongamento);
- Caracterizar as propriedades térmicas por meio das técnicas de Termogravimetria (TGA) e Análise calorimétrica exploratória DSC);
- Comparar as amostras preservadas com as submetidas ao processo de hidrólise, assim como com as diferentes proporções.

## 2 ARTIGO 1: INVESTIGAÇÃO DA ESTABILIDADE HIDROLÍTICA DO POLIURETANO

Artigo apresentado como pôster no 15º Congresso Brasileiro de Polímeros - 27 a 31 de Outubro de 2019, Bento Gonçalves-RS (15<sup>th</sup> Brazilian Polymer Conference) e publicado nos anais do congresso citado, ISBN: 978-85-63273-41-3, <http://www.cbpol.com.br>, código 4DRY.

Abaixo segue o artigo conforme publicado.



### INVESTIGAÇÃO DA ESTABILIDADE HIDROLÍTICA DO POLIURETANO

Mateus Rigotti<sup>1\*</sup> e Douglas Simon<sup>1</sup>

1 - Programa de pós-graduação em tecnologia e engenharia dos materiais (PPG-TEM), Instituto Federal – Rio Grande do Sul, Campus Farroupilha [matrigotti@hotmail.com](mailto:matrigotti@hotmail.com)

**Resumo:** Juntamente com os parâmetros de processos, como temperatura e umidade, a formulação é um dos principais fatores na fabricação de um componente polimérico através de um pré-polímero de poliuretano. Estes definem a cinética da reação, assim como as ligações e interações, determinando as características finais do material. Uma das aptidões esperadas do poliuretano é a resistência à hidrólise, sendo esta pesquisa constituída pela exposição de um poliuretano poliéter TDI polimerizado a diferentes proporções de cura em um ambiente suscetível a reações com água. Ensaios mecânicos e avaliações de FTIR das amostras e do pré-polímero são conduzidas para caracterização do material, evidenciando-se a relação negativa dos parâmetros de proporção do agente de cura com a resistência à hidrólise.

**Palavras-chave:** poliuretano, pré-polímero, MOCA, hidrólise

#### Investigation of hydrolytic stability of polyurethane

**Abstract:** Along with the process parameters, such as temperature and humidity, the formulation is one of the main factors in the manufacturing of a polymeric component

through a polyurethane prepolymer. These aspects define the kinetics of the reaction, as well as the bonds and interactions, determining the final characteristics of the material. One of the expected capabilities of polyurethane is resistance to hydrolysis, this research aims at the exposure of a polyether polyurethane TDI polymerized at different curing agent rates in an environment susceptible to reactions with water. Mechanical tests and FTIR evaluations of the samples and the prepolymer are conducted for characterizing the material, evidencing the negative relation of the parameters of ratio of curing agent to resistance to hydrolysis.

**Keywords:** polyurethane, prepolymer, MOCA, hydrolysis

## **Introdução**

Elastômeros de poliuretano são copolímeros em blocos que compreendem segmentos rígidos e flexíveis. Os primeiros geralmente são formados por cadeias curtas de diol e diisocianatos que afetam a dureza e a resistência ao cisalhamento. As interações entre estes segmentos ocorrem por ligações de hidrogênio e dipolo-dipolo. Já as cadeias flexíveis são compostas, principalmente, por cadeias longas de poliéster ou poliéter e fornecem flexibilidade e resistência a baixas temperaturas [1-3]. No que diz respeito à hidrólise nos segmentos rígidos, esta é menor em comparação aos segmentos flexíveis [1, 4].

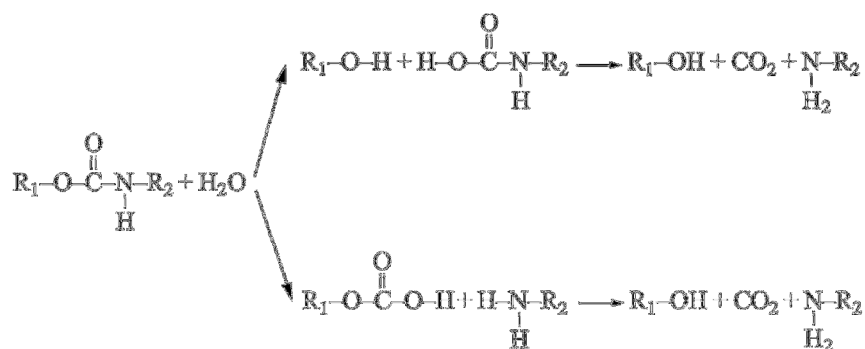
A principal reação na produção de poliuretanos rígidos tem como reagentes um diisocianato, disponível nas formas alifáticas ou aromáticas, um polioli e um extensor de cadeia [1, 2, 5] os quais possuem a combinação de excelentes propriedades mecânicas, alta resistência à abrasão e resistência química, assim como a possibilidade de confecção com diferentes estruturas através de variações de parâmetros no processo de fabricação [3].

Para a preparação de um poliuretano ideal as reações de formação de ureia, alofanato, biureto e NCO (grupo funcional formado por nitrogênio, carbono e oxigênio) com água (umidade) devem ser controladas. A formação de ureia pode ocorrer devido à reação do NCO com água, assim como a formação do alofanato e biureto podem ocorrer a baixas temperaturas com excesso de isocianato [3]. A remoção da umidade atmosférica é um fator crucial no processo para não existir a formação de aminas [6].

Os poliuretanos podem ter sua cadeia rompida quimicamente por oito maneiras, sendo a hidrólise uma delas, resultando na redução do peso molecular e na perda de propriedades físicas e químicas [2]. Nos polímeros termofixos, a estrutura molecular final depende das condições das reações de cura durante o processo de fabricação [1, 2], sendo que os

poliuretanos fabricados através de pré-polímeros estão menos suscetíveis a essas circunstâncias por não possuírem reações diferentes para as hidroxilas [1, 3]. Porém, para os pré-polímeros, as diferentes taxas de reação para o NCO podem afetar a distribuição dos segmentos rígidos pelas diferenças nas energias de ativação [1, 3, 7, 8].

Ocorre, contudo, que a separação de fase para os poliuretanos com base poliéter é maior do que para os com base poliéster [3], além de estarem menos suscetíveis à hidrólise [1, 2]. Na Fig. 1 pode ser observado o grupo uretano e suas reações de hidrólise [9-11]. O ácido carbâmico formado durante a hidrólise é instável, decompondo-se em aminas com a liberação de CO<sub>2</sub>. Estas aminas reagem com o isocianato formando ureia [2, 12, 13]. Sob altas temperaturas o uretano pode se despolimerizar formando isocianato e hidroxila, assim, a formação de amina e liberação de CO<sub>2</sub> pode ocorrer pela combinação da água com NCO [1, 6].



**Figura 1** - Reações químicas envolvidas na hidrólise do poliuretano

Portanto, faz-se necessário o conhecimento dos mecanismos de degradação e a definição de métodos de controle de processo. Esta pesquisa tem por objetivo verificar a estabilidade hidrolítica de um componente utilizado na indústria automotiva como parte da suspensão de veículos tipo eixo rígido e barra longitudinal.

## Experimental

### *Materials*

Para a realização da presente pesquisa o material empregado foi o poliuretano (PU) termofixo, base poliéter, TDI (tolueno di-isocianato) com 90-95 Shore A de dureza, sendo os componentes confeccionados a partir de um pré-polímero, de nome comercial Adiprene - LF950A, e curado com 4,4' metileno-bis (orto-cloroanilina), conhecido como MOCA, o qual

possui 6,1% de NCO, para a confecção de 45 corpos de prova, conforme ASTM D638. Estas amostras são constituídas por 3 grupos, cada qual com 15 corpos com diferentes relações de MOCA:pré-polímero. A razão 1:1 refere-se à proporção apontada na ficha técnica e 0,85:1 e 1,2:1 referem-se à proporção menor e maior, respectivamente. As demais condições de processo foram conduzidas de acordo com as orientações do fabricante, como segue: temperatura do Adiprene LF-950A 66°C, MOCA 116°C e Molde 100°C; assim como, tempo de *pot life* 7min, cura 25min a 100°C e pós cura 16min a 100°C.

### *Metodologia*

Ensaio de dureza (ASTM D2240) e tração (ASTM D638) foram conduzidos para caracterização das propriedades mecânicas. O ensaio de tração se mostra o mais adequado para correlacionar a resistência à hidrólise com as diferentes amostras [10, 14-16], assim como a análise de FTIR na faixa do infravermelho de 400–4000  $\text{cm}^{-1}$  para a observação das alterações das ligações químicas [13, 17, 18].

As amostras foram imersas em água a 70°C por 168h e submetidas ao processo de dessecção até atingirem massa constante a 50°C. Após 17h a 50°C as amostras atingiram massa constante, com redução média de 0,8%.

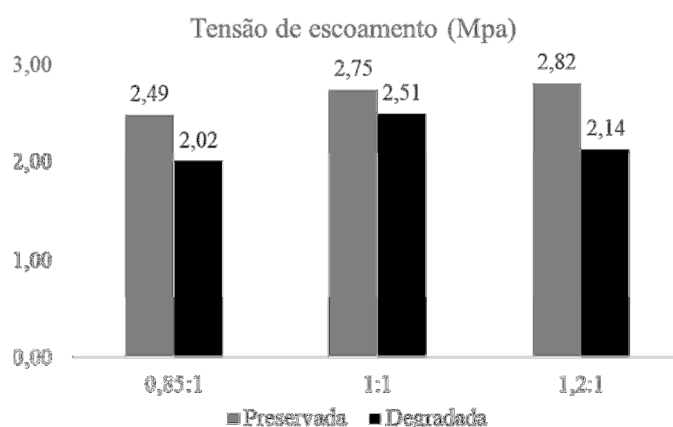
Ensaio de hidrólise realizados a 70°C são adequados para evitar interferências por degradação biológica - encontradas em temperatura ambiente e, por estarem imersas, evitam oxidação [16, 19]. Contudo, altas temperaturas, como 100 e 120°C, são condições severas para os poliuretanos se deteriorarem, tanto os de base poliéster como os de poliéter [10, 15, 16, 20]. Também, testes conduzidos entre 50 a 100°C correlacionam o tempo de vida do poliuretano com amostras imersas no mar a temperaturas de 9 a 20°C [10]. Neste caso, o autor também faz a comparação das propriedades mecânicas com e sem o processo de dessecção de água.

### **Resultados e Discussão**

Pode-se perceber que o material com proporção 1:1, além de atingir o parâmetro indicado pelo fabricante, 95 Shore A, apresenta estabilidade e médias idênticas, mesmo após ser submetido às condições citadas. A condição de 1,2:1 apresenta a mesma média de dureza, em torno de 88 Shore A, amostras preservadas e degradadas. Já, a situação inferior, 0,85:1,

apresenta um acréscimo de 88 para 94,2 Shore A, após a imersão e secagem, em razão do excesso de NCO.

Em relação ao ensaio de tração, especificamente sobre a tensão de escoamento, verifica-se que o material de referência, amostra preservada 1:1, sofreu uma pequena redução da tensão de escoamento, porém, por avaliação estatística – teste de hipótese, as duas médias são consideradas iguais. Já, para as outras duas situações observa-se a redução desta propriedade de resistência, evidenciando que apresentaram alterações em suas ligações químicas, conforme demonstrado na Fig. 2. Corroborando com isso, tem-se o efeito plastificante, refletindo na queda da tensão de ruptura e acréscimo do alongamento para todos os casos [6].



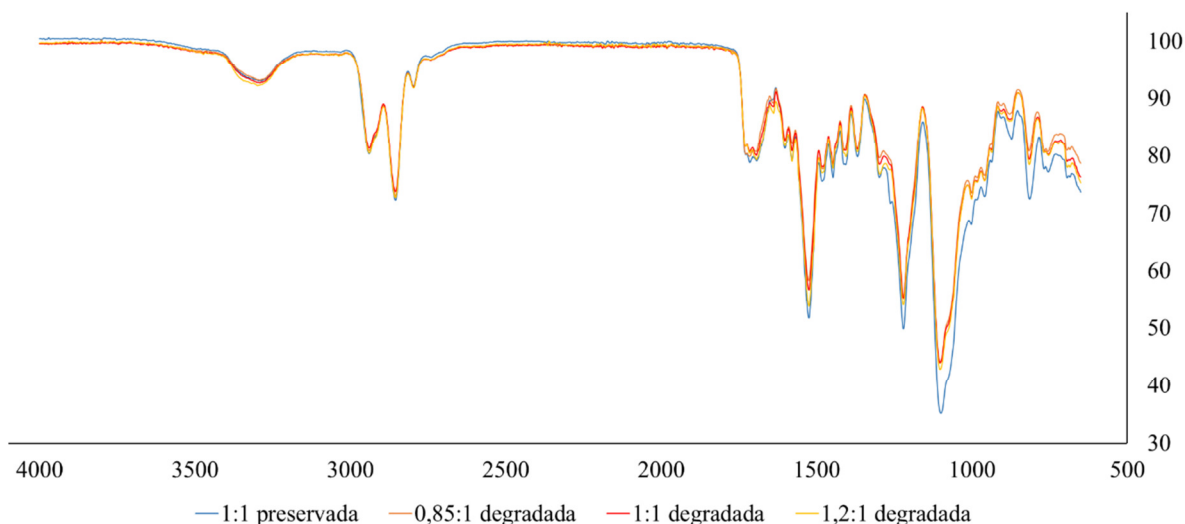
**Figura 2** – Tensão de escoamento

A espectrometria do pré-polímero demonstrou a presença de NCO pela presença do pico em  $2270\text{ cm}^{-1}$  [1, 5], e nenhum resíduo dessa faixa nos poliuretanos finais, mesmo após o ensaio de hidrólise. Na Fig. 3, verifica-se os três grupos hidrolisados e do material base, razão 1:1, preservado. Para os três materiais as bandas correspondentes ao uretano, C-N  $1530\text{-}1580\text{ cm}^{-1}$ , C=O  $1700\text{-}1730\text{ cm}^{-1}$  e N-H  $3310\text{-}3340\text{ cm}^{-1}$  percebe-se a redução do pico de C=O.

Adicionalmente, tem-se o aparecimento de um pico a  $1640\text{ cm}^{-1}$  indicando a formação da amina ( $1650\text{-}1580\text{ cm}^{-1}$ )[2] ou a formação de grupos de ureia, onde se observa NCO em excesso, ligações de C=C  $1640\text{-}1710\text{ cm}^{-1}$  e de N-H  $3430\text{ cm}^{-1}$  [1]. Houve, também, uma redução significativa do pico  $1265\text{ cm}^{-1}$ , caracterizado pela ligação C-O no grupo carbonila,  $1210\text{-}1320\text{ cm}^{-1}$ .

Por fim, na região do C-O de vibrações alongadas, a intensidade do pico de  $1100\text{ cm}^{-1}$ , que é atribuída às vibrações do grupo éter (C-O-C), foi drasticamente reduzida. Além disso,

houve a redução do pico de  $1080\text{ cm}^{-1}$  do grupo do uretano, assim como das bandas de amida II  $1530\text{ cm}^{-1}$  e amida III  $1220\text{ cm}^{-1}$  [1, 18].



**Figura 3** – FTIR, amostra preservada (azul 1:1) e degradadas (laranja 085:1; vermelho 1:1 e amarelo 1,2:1)

### Conclusões

A alteração da proporção de MOCA tem influência direta na resistência do material à hidrólise, o que pode ser verificado através da redução da tensão de escoamento, tensão de ruptura e aumento do alongamento, todavia, antes mesmo da submissão do material ao meio (imersão em água por 168h a  $70^{\circ}\text{C}$ ), as propriedades mecânicas se mostram diferentes.

No caso do material de proporção 1,2:1 entende-se que o excesso de diamina catalisando a hidrólise e, para o caso de proporção 0,85:1, o excesso de NCO são as principais causas da redução da tensão de escoamento quando as amostras são submetidas à hidrólise. Entretanto, para todos os casos, mesmo com material à proporção 1:1, a hidrólise ocorre, conforme demonstrado nas análises de FTIR, principalmente na estrutura do éter e, com menor intensidade, nas estruturas de uretano.

### Agradecimentos

Empresa Tecprene, Caxias do Sul – RS, [www.tecprene.com.br](http://www.tecprene.com.br)

Instituto Federal – Rio Grande do Sul, Campus Caxias do Sul

## Referências

- [1] G. Oertel, *Polyurethane handbook: chemistry, raw materials, processing application, properties*, 2nd ed. New York: Hanser Pub Inc, 1994.
- [2] M. Szycher, *Handbook of polyurethanes*, 2nd ed. Taylor & Francis Group, LLC, 2012.
- [3] Z. S. Petrovic and J. Ferguson, *Prog. Polym. Sci.*, vol. 16, pp. 695–836, 1991.
- [4] M. Marzec, J. Kucińska-Lipka, I. Kalaszczyńska, and H. Janik, *Mater. Sci. Eng. C*, vol. 80, pp. 736–747, 2017.
- [5] R. M. C. Santana and M. M. C. Forte, *IPEN*, 2009.
- [6] K. Stokes and K. Cobian, *Biomaterials*, vol. 3, no. 4, pp. 225–231, 1982.
- [7] P. Król, *Prog. Mater. Sci.*, vol. 52, no. 6, pp. 915–1015, 2007.
- [8] A. A. Caraculacu and S. Coseri, *Prog. Polym. Sci.*, no. 26, pp. 799–851, 2001.
- [9] P. Y. Le Gaca, D. Choqueusea, and D. Melot, *Polym. Test.*, vol. 32, no. 8, pp. 1588–1593, 2013.
- [10] P. Davies and G. Evrard, *Polym. Degrad. Stab.*, vol. 92, no. 8, pp. 1455–1464, 2007.
- [11] R. B. Barendregt and P. J. Van Den Berg, *Thermochim. Acta*, vol. 38, no. 2, pp. 181–195, 1980.
- [12] J. V., L. H., F. Hernandez-Sanchez, and J. M., *Adv. Biomater. Sci. Biomed. Appl.*, 2013.
- [13] B. Hong and G. Xian, *Constr. Build. Mater.*, vol. 165, pp. 514–522, 2018.
- [14] M. Rutkowska, K. Krasowska, A. Heimowska, I. Steinka, and H. Janik, *Polym. Degrad. Stab.*, vol. 76, no. 2, pp. 233–239, 2002.
- [15] P. Wright, *Aircr. Eng. Aerosp. Technol.*, vol. 39, no. 11, pp. 20–23, 1967.
- [16] Z. T. Ossefort and F. . Testroet, *Rubber Chem. Technol.*, no. 39, pp. 1308–1327, 1966.
- [17] A. Ludwick, H. Aglan, M. O. Abdalla, and M. Calhoun, *J Appl Polym Sci*, no. 110:712–8, 2008.
- [18] C. Wilhelm, A. Rivaton, and J. L. Gardette, *Polymer (Guildf.)*, vol. 39, no. 5, pp. 1223–1232, 1998.
- [19] C. S. Scholienberger and F. D. Stewart, *J. Elastomers Plast.*, no. 3:28, 1971.



- [20] S. Murata, T. Nakajima, N. Tsuzaki, M. Yasuda, and T. Katob, *Polym. Degrad. Stab.*, no. 61, pp. 527–534, 1998.

### **3 ARTIGO 2: INVESTIGATION OF THE HYDROLYTIC STABILITY OF POLYURETHANE APPLIED TO VEHICLE SUSPENSION COMPONENTS**

Artigo publicado no periódico Journal of Research Updates in Polymer Science, ISSN 1929-5995, Volume 8, 2019, p. 56 a 65. Classificação CAPES Qualis B4 – Engenharias II, Classificação de Periódicos Quadriênio 2013-2016.

Abaixo segue o artigo conforme publicado.

#### **Investigation of the Hydrolytic Stability of Polyurethane Applied to Vehicle Suspension Components**

Mateus Rigotti\*, Eveline Bischoff and Douglas Simon  
Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Farroupilha, 785 São Vicente, Farroupilha, Rio Grande do Sul, Brazil

\*Address correspondence to this author at the Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Farroupilha, 785 São Vicente, Farroupilha, Rio Grande do Sul, Brazil; Tel/Fax: +55 54 3260 2400; E-mail: matrigotti@hotmail.com

**Abstract:** Process parameters such as temperature and humidity, as well as formulation are the key factors in the manufacture of a polymeric component through a polyurethane prepolymer. These define the reaction kinetics, bonding and the resulting chemical interactions which determine the final characteristics of the material. One of the expected skills of polyurethane, when applied to components used in contact with water, is hydrolysis resistance. Consequently, this research focused on exposure of a polymerized TDI (toluene diisocyanate) polyether polyurethane to different proportions of the curing agent, MOCA (4,4'-methylene-bis), in an environment susceptible to reactions with water at 70°C. In this case, this material is applied in the manufacture of coil spring solid axle with trailing arms and Panhard rod suspension bushings. Mechanical tests and DSC (differential scanning calorimetry), TGA (thermogravimetry) and FT-IR (Fourier transform infrared) evaluations of the samples and prepolymer are conducted for the characterization of the different formulations, showing the negative relationship of the curing agent proportion parameters with the hydrolysis resistance. Here depolymerization of urethane and ether groups, as well as lower retention of yield stress are verified. These findings can subsidize developing predictive models for performance and lifetime of polyurethanes.

**Keywords:** Polyurethane, prepolymer, MOCA, hydrolysis, bushing, suspension.

## I. INTRODUCTION

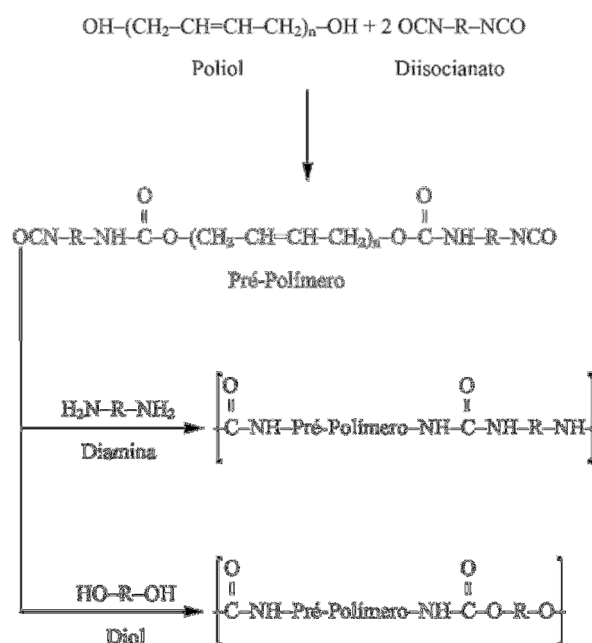
Polyurethanes are chemically and morphologically highly adaptable, covering a broad spectrum of properties. They also have a wide field of application in paints, foams and the rigid products such as roller tires, skateboards, shoes and hammers [1-4]. Moreover, polyurethanes are used in the medical industry [5-7], except for the polymers synthesized with TDI (toluene diisocyanate) or MDI (diphenylmethane diisocyanate) due to their harmful effects on humans [6]. Yet, studies of biocompatibility are a key factor and can be used to deliver treatments where degradation is required but should be controlled [8, 9].

In the automotive industry, polyurethanes are mainly applied as elastomers in suspension components. Coil spring solid axle with trailing arms and Panhard rod suspension are employed where the working travel needs to be high due to off-road application. Military vehicles are generally designed this way in order to be adaptable, among other characteristics, in the wet environments. Polyurethane bushings, applied to trailing arms and Panhard rods, have the function of dissipating energy. Moreover, if it is in poor condition, it will affect the vehicle's handling and stability, as well as transmit noise to the occupants, therefore knowledge of the degradation mechanisms is required along with the process control and formulation (e.g. isocyanate content). These are crucial in order to achieve the required properties, once the basic components, formulation and process parameters have been properly selected.

Polyurethane elastomers are block copolymers comprising hard and soft segments. The former are usually formed by short chains of diol and diisocyanates that affect hardness and shear strength. The interactions between these segments occur by dipole dipole and hydrogen bonds. Soft chains are mainly composed of long chains of polyester or polyether and provide flexibility and resistance at low temperatures [2, 3, 10]. Hydrolysis in hard segments is smaller compared to soft segments [2, 6].

The main reaction in the production of rigid polyurethanes has as reactants a diisocyanate, available in aliphatic or aromatic forms, a polyol and a chain extender [2, 3, 11], which have the combination of excellent mechanical properties. High abrasion resistance and chemical resistance, as well as the possibility of fabrication with different structures through variations of parameters in the manufacturing process [10] are the chief properties exhibited. The reactions cited above are shown in Figure 1 [11] in case the polyurethane is formed by a prepolymer.

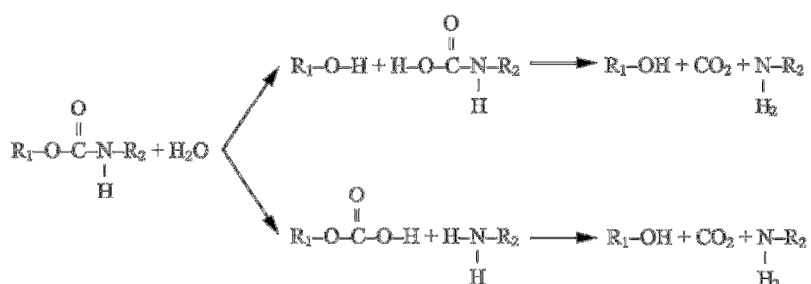
For the preparation of an ideal polyurethane the reactions of formation of urea, allophanate, biuret and NCO (functional group formed by nitrogen, carbon and oxygen) with water (humidity) must be controlled. Urea formation may occur due to the reaction of NCO with water, just as formation of allophanate and biuret may occur at low temperatures with excess isocyanate [10]. The removal of atmospheric moisture is a crucial factor in the process to avoid formation of amines [8, 12, 13].



**Figure 1:** Chemical reactions for polyurethane production

Polyurethanes can be depolymerized by eight different mechanisms, photolysis and pyrolysis, hydrolysis being among them, which results in reduced molecular weight and loss of physical and chemical properties [3, 14]. In thermoset polymers, the final molecular structure depends on the conditions of the curing reactions during the manufacturing process [2, 3]. Polyurethanes made from prepolymers are less susceptible to these circumstances because they do not have different reactions to the hydroxyls [2, 10]. However, for prepolymers, different reaction rates for NCO may affect the distribution of hard segments by differences in activation energies [2, 10, 14, 15]. Still, studies are conducted to investigate the post cure conditions and their impacts on the properties of polyurethane, naming this phenomenon as maturation [12, 13].

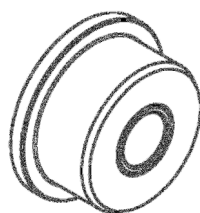
Figure 2 [3] shows the urethane group and its hydrolysis reactions [1, 17, 18]. Carbamic acid formed during hydrolysis is unstable, decomposing into amines upon release of CO<sub>2</sub>. These amines react with isocyanate to form urea [3, 18, 20]. Under high temperatures urethane can depolymerize to form isocyanate and hydroxyl, thus amine formation and CO<sub>2</sub> release can occur by combining water with NCO [2, 8]. For soft segments, it is accepted that depolymerization occurs by breaking the radical chain between the C-C and C-O bonds [21].



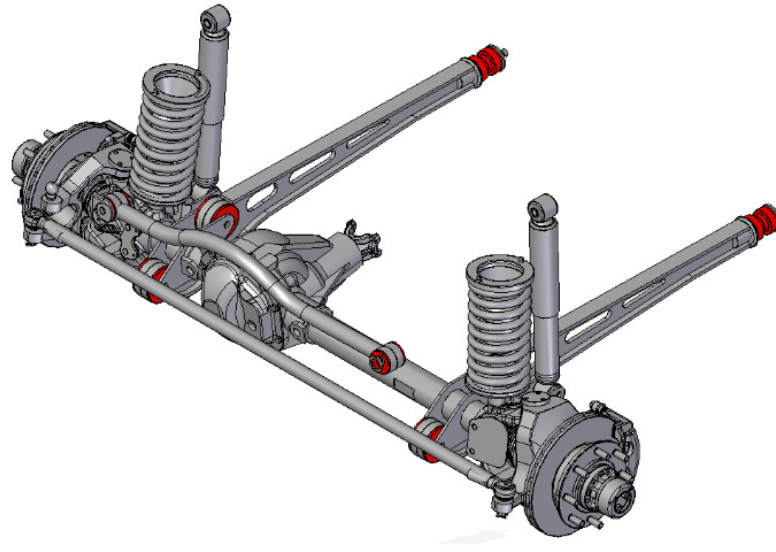
**Figure 2:** Chemical reactions in polyurethane hydrolysis

However, the phase separation for polyether-based polyurethanes is higher when compared to their polyester equivalent, that is, the phase mixture is higher in polyesters than polyethers [10] and less susceptible to hydrolysis [2, 3, 22]. This is due to the strong hydrogen bonds formed between the hard and soft segments due to the high polarity of the ester group [23].

In this context, this research aims to verify the hydrolytic stability of polyurethane used in the manufacture of bushings used in the automotive industry as part of the coil spring solid axle with trailing arms and Panhard rod suspension. The Figures 3 and 4 show an example of an applied bushing and a schematic drawing of this type of suspension, respectively.



**Figure 3:** Bushing example



**Figure 4:** Schematic drawing of a coil spring solid axle with trailing arms and Panhard rod suspension, the applied bushings are highlighted in red

## II. MATERIALS AND METHODS

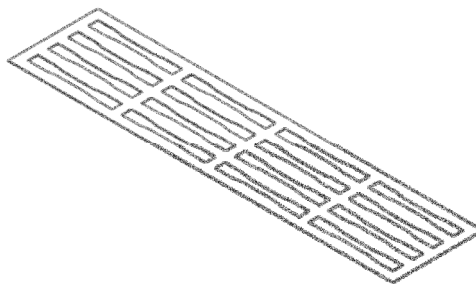
### Materials

For this research, the material used was thermofixed polyurethane (PU), polyether base, TDI with 90-95 Shore A hardness, and cured with 4,4'-methylene-bis, known as MOCA, which has 6.1% free NCO.

### Preparation

Three different formulations were tested which varied the relationship between MOCA: prepolymer. The 1:1 ratio refers to the ratio indicated in the data sheet and 0.85:1 and 1.2:1 refers to the smaller and higher proportion of curing agent, respectively. The other process conditions were conducted according to the manufacturer's guidelines as follows: temperature of ADIPRENE LF-950A 66 °C, MOCA 116 °C and 100 °C mold as well as pot lifetime 7 min, cure 25 min at 100 °C and post cure 16 min at 100 °C.

The preparation of the specimens, dimensions according to ASTM D638, was through the homogenization of the components (prepolymer and curing agent, MOCA) by manual shaking and subsequent casting. Figure 5 is the mold used (steel SAE1020), which was placed in a glass base for the casting of the material.



**Figure 5:** Mold used for sample manufacture

The nomenclature for the prepared samples is presented in Table 1, which identifies the MOCA: prepolymer ratio and the letters p and h, which indicate the samples kept in the natural environment and those subjected to hydrolysis, respectively.

Sample identification	
PUp1	PUh1
PUp0.85	PUh0.85
PUp1.2	PUh1.2

### Description

Fourier Transform Infrared (FT-IR) analyzes, 400– 4000  $\text{cm}^{-1}$ , were conducted to observe changes in chemical bonding [20, 24, 25] on a PerkinElmer FT-IR Spectrometer Frontier device. For comparative evaluation of the peak intensities evaluated they are compared with the peak intensity of aliphatic  $\text{CH}_2$  stretching vibration (2920 to 2850  $\text{cm}^{-1}$ ) according to Equation 1. Then, this ratio of areas, for each band studied, is compared with their respective pair, i.e. the material of the same chemical composition preserved and hydrolyzed.

$$\%R = \frac{I_S - I_{ref}}{I_{ref}} \times 100\% \quad (1)$$

Where:

$\%R$  is the areas ratio

$I_S$  is the integral of the peak area for the evaluated sample

$I_{ref}$  is the integral of the peak area for  $\text{CH}_2$  of the evaluated sample

The bands evaluated are shown in Table 2.

**Table 2: Rating Bands**

Component	Vibration group	Frequency band (cm <sup>-1</sup> )
Isocyanate	NCO	2250-2270
Urethane	C=O	1650-1765
Ether	C-O-C	1100

The samples were immersed in water at 70 °C for 168h (1 week) and subsequently submitted to desorption in an oven at 50 °C. During the desorption process the sample masses were periodically recorded until they reached constant mass as defined in Equation 2:

$$m = \frac{m_t - m_o}{m_o} \times 100\% \quad (2)$$

Where:

$m_t$  is the mass in the given time

$m_o$  is the initial mass

The thermal stability of the samples were analyzed by thermogravimetry (TGA) on a PerkinElmer TGA4000 equipment. The samples were heated from 30 to 900 °C at a rate of 10 °C/min under a nitrogen atmosphere. In addition, the respective derivatives of TGA curves for decomposition temperature evaluation are calculated, thus obtaining the DTG (differential thermogravimetry) curves.

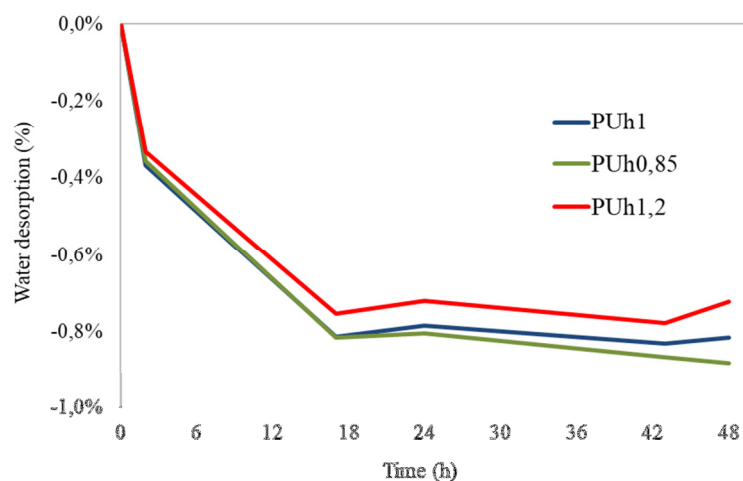
In addition, DSC (differential scanning calorimetry) analysis was conducted to determine phase transformation and glass transition temperatures using a PerkinElmer DSC6000 device. The samples were heated from 30 to 400 °C (isotherm for 10 minutes) and cooled to -70 °C with a heating and cooling rate of 20 °C/min under a nitrogen atmosphere. The measurements were performed in the first cooling and in the second heating cycle.

Hardness (ASTM D2240) and tensile (ASTM D638) tests were conducted to characterize the mechanical properties. The latter test was performed with EMIC DL2000 equipment, which is the most suitable to correlate hydrolysis resistance with different samples [16, 23, 27, 28]. Also, analysis of variation in yield stress results, conducted through the ANOVA (Analysis of Variance) method, were performed to verify the causes of variation and interaction between them.



### III. RESULTS

After the hydrolysis and drying process (17h at 50 °C) the samples reached constant mass, with approximate reduction of 0.8% by mass, as can be seen in Figure 6.

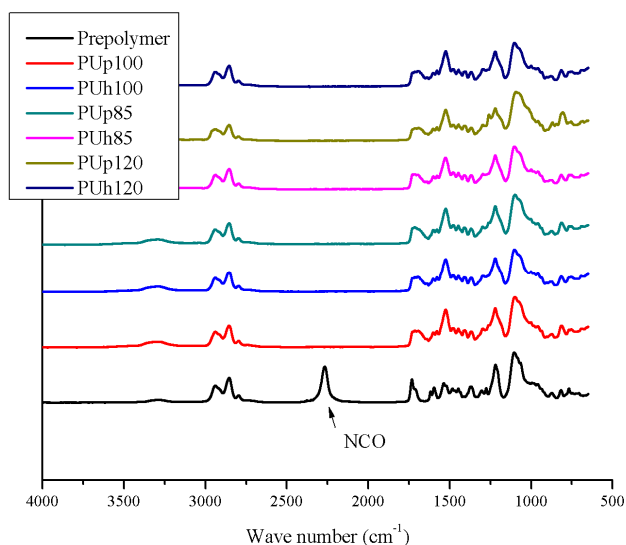


**Figure 6:** Water desorption.

However, the process was monitored for 48h to evaluate the stability of the result. It can be observed that PUh1.2 samples show a slightly smaller reduction and slightly larger PUh0.85 when compared to the reference. This assessment indicates the presence of higher water desorption points for higher prepolymer concentrations.

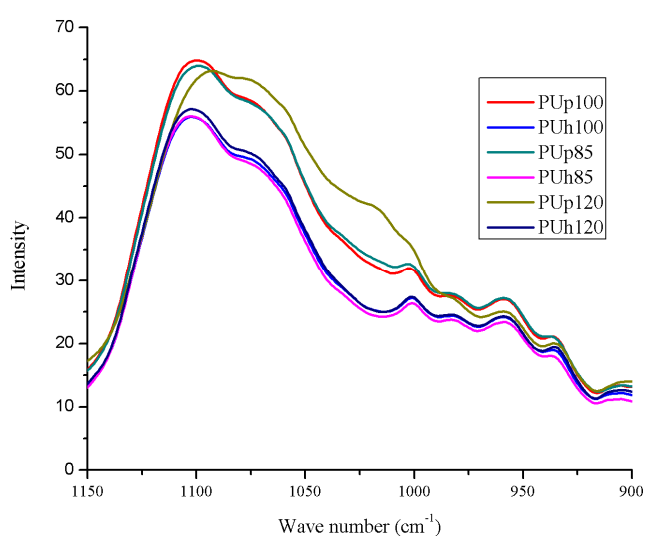
Hydrolysis assays performed at 70 °C are suitable to avoid interference by biological degradation – found at room temperature, and because the samples are immersed, it prevents oxidation [28, 29]. However, high temperatures, such as 100 and 120 °C, are severe conditions for polyurethanes to deteriorate, both polyester and polyether based [17, 24, 25, 30]. Also, tests conducted at 50 to 100 °C correlate the life span of polyurethane with samples immersed in the sea at temperatures of 9 to 20 °C [17]. In this case, the authors also compare the mechanical properties with and without the water desorption process.

All excess NCO was consumed [23]. Also, there was no depolymerization of the samples in NCO after hydrolysis. The pre-polymer and sample spectrometries (Figure 7) demonstrate the existence of NCO by the presence of the peak at 2270  $\text{cm}^{-1}$  [2, 11, 12] and no residue of this range in the final polyurethanes, respectively. Therefore, it is not necessary in this case to assess the ratio of areas by integration.



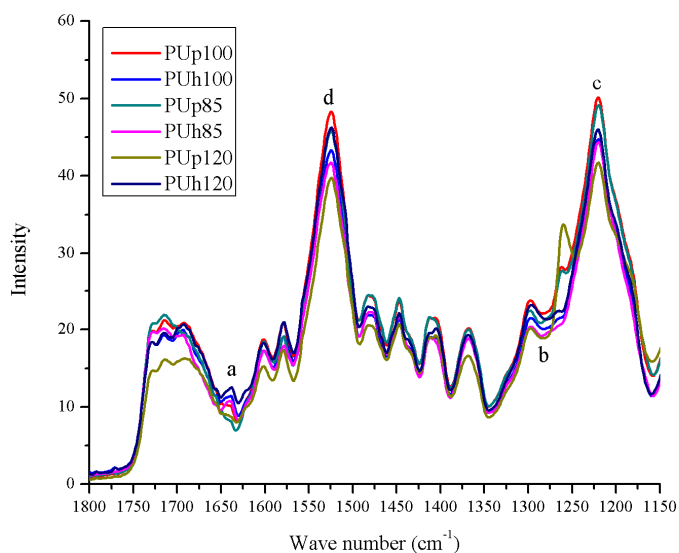
**Figure 7:** FT-IR all samples and prepolymer

Figure 8 shows that the spectrum in the C-O region of elongated vibrations, peak intensity of  $1100\text{ cm}^{-1}$ , attributed to ether group (C-O-C) vibrations, was drastically reduced, regardless of the proportion used. In addition, there was a reduction in the  $1080\text{ cm}^{-1}$  peak, attributed to the stretching of urethane group [5], also for hydrolyzed samples. The ether bond is very resistant to hydrolysis, occurring only under special conditions, and under normal conditions the dominant hydrolytic degradation is the rupture of the urethane group [29].



**Figure 8:** FT-IR, Ether band  $1100\text{ cm}^{-1}$  and Urethane group  $1080\text{ cm}^{-1}$

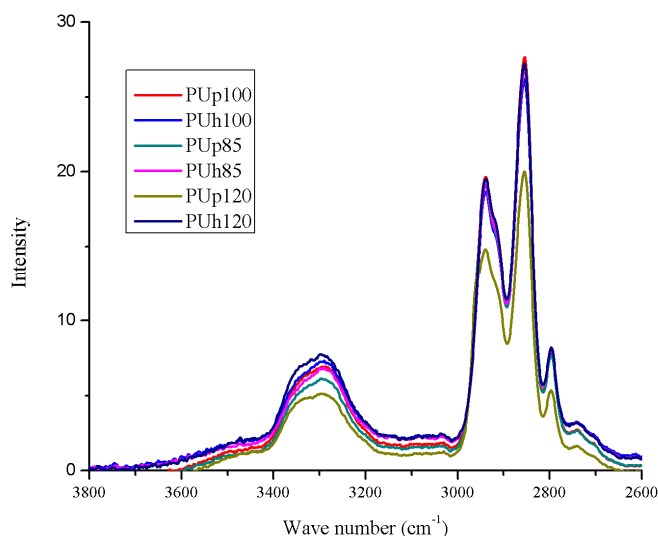
In the spectrum of the three hydrolyzed groups, when compared to the base material, PUp1, and the respective preserved materials, there is a reduction in the peaks of C = O, 1700-1730  $\text{cm}^{-1}$ , as shown in Figure 9.



**Figure 9:** FT-IR, 1150 a 1800  $\text{cm}^{-1}$

In addition, there is a peak at 1638  $\text{cm}^{-1}$  (a) indicating amine formation (1580-1650  $\text{cm}^{-1}$ ) [3] or formation of urea groups, C=O bonds, 1640-1710  $\text{cm}^{-1}$  [2, 13, 31]. There was also a significant reduction in the 1265  $\text{cm}^{-1}$  range (b), characterized by the C-O bond in the carbonyl group, 1210-1320  $\text{cm}^{-1}$ , as well as the reduction in the 1220  $\text{cm}^{-1}$  (c), amide III, and 1530  $\text{cm}^{-1}$  (d), amide II [2, 25].

In addition, from Figure 10, some changes in the NH, 3310-3340  $\text{cm}^{-1}$ , urethane group bonds can be observed [2, 13, 31].



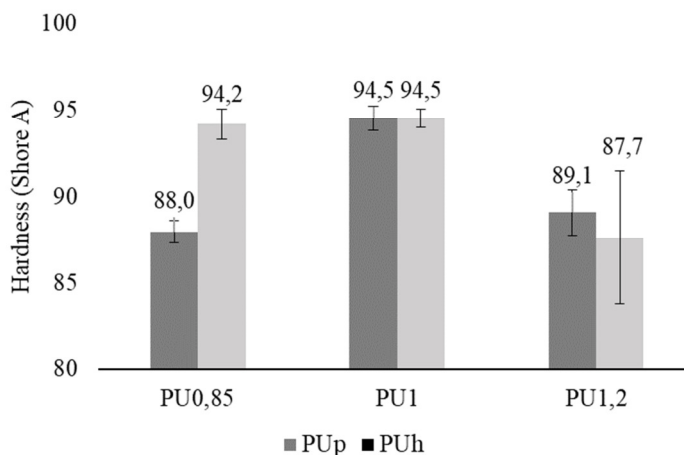
**Figure 10:** FT-IR, 2600 a 3800  $\text{cm}^{-1}$

Table 3 shows the relationship of areas in the ranges mentioned in Table 2 by comparing PUh with PUp for each formulation. All samples show a reduction in the urethane and ether group ranges, but the 1:1 formulation is the most stable, which is directly related to the retention of mechanical properties.

**Table 3: List of Areas in the Assessment Peaks**

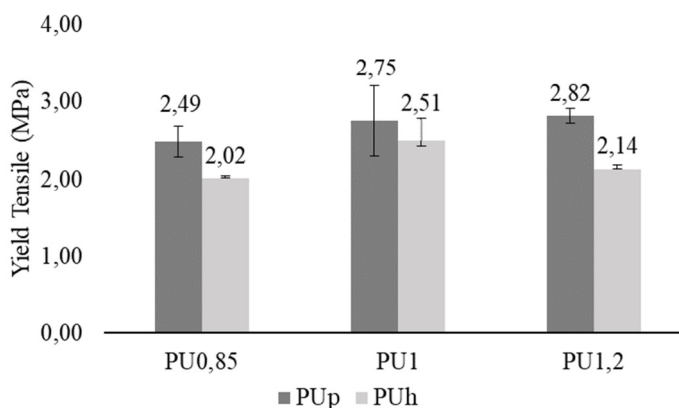
Vibration group	PUp 100	PUh 100	PUp 85	PUh 85	PUp 120	PUh 120
C=O	-12%		-50%		-60%	
C-O-C	-19%		-28%		-92%	

Regarding the hardness, it can be seen, according to Figure 11, that the material with 1:1 ratio, PU1, besides reaching the desired parameter, 95 Shore A hardness, presents identical stability and averages, even after being subjected to the cited conditions. PU1.2 has the same hardness average, around 88.4 Shore A, in preserved and hydrolyzed samples. On the other hand, PU0.85 samples increased from 88.0 to 94.2 Shore A after dipping and drying.



**Figure 11:** Hardness (Shore A)

Regarding the tensile test, regarding the yield stress, it is verified that the reference material, sample PUp1:1, had a small reduction in the yield stress (Figure 12), however, the two averages can be considered statistically equal, however, for the other two situations the reduction in this resistance property is observed, showing changes in its chemical bonds, due to the hydrolysis process. Thus, a retention of 91% of the yield stress for the PU1 samples after hydrolysis and only 81 and 75% for the PU0.85 and PU1.2 samples, respectively.



**Figure 12:** Yield stress (MPa) a 0,5%

As reported in the literature, the post cure process can be very intense in the presence of excess NCO and also be influenced by the presence of atmospheric moisture. Such conditions may lead to increased cure time, as well as the formation of groups of urea and allophanate, and, consequently, lead to adverse effects on mechanical properties, as shown for the polyurethanes studied [23]. Corroborating with the above, it can have the plasticizing effect [8, 20, 29] which reflects in the fall of the rupture stress and the increase of the

elongation, however, in tests conducted for comparison of three different polyurethanes (polyether base) exposed to the marine environment, it was found that the tensile strength and elongation parameters were maintained [26].

With a 95% confidence interval, the analysis of variation (ANOVA) shows that the curing agent: prepolymer ratio and hydrolysis process influence the yield strength, with p-values of 0.043 and 0.004, respectively, but have no interaction between these variables, resulting in a p-value of 0.327 for the interaction.

The thermal stability of the samples was analyzed by thermogravimetry. The characteristic temperatures of  $T_{10\%}$ ,  $\%m_{450^{\circ}\text{C}}$ ,  $T_1$ ,  $T_2$  and  $T_f$ , which correspond respectively to the temperatures in which 10% mass decomposition occurs, mass remaining at 450 °C, hard segment degradation temperature, soft segment degradation temperature and final degradation temperature. These results are presented in Table 4.

Studies show that 10% mass loss for the evaluated polyurethanes occurs from approximately 297 to 334 °C, and these differences are attributed to the different polyols used [32]. However, a lower temperature is observed at the beginning of the process for PUp1.2, and a smaller thermal degradation process occurs with PUp1 samples, resulting in a higher mass percentage at 450°C than the other samples, as shown in Table 4, column  $\%m_{450^{\circ}\text{C}}$ .

In relation to  $T_{10\%}$ , the thermal stability was reduced for samples prepared with different MOCA proportions, being 10 and 15 °C for PUp0.85 and PUp1.2 proportions, respectively. This reduction may be associated with a lower proportion of polymer in the sample.

The initial temperature of thermal degradation is attributed to the amount of existing soft segments, i.e. polyurethanes with higher concentration of these segments demonstrate a lower initial mass loss and a higher onset temperature. As shown, the initial temperature can be as low as 100 °C for 100% hard segmented polyurethane and range from 220 to 280 °C, depending on the concentration of the soft segments and their length [33].

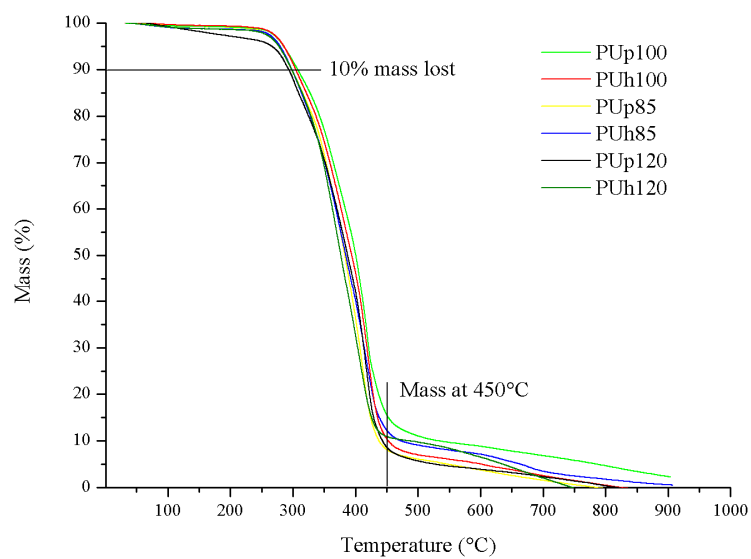
It can also be seen from Table 4 that PU1 loses mass after degradation at 450 °C, while PU0.85 and PU1.2 gain, showing that hydrolysis significantly affects chemical bonds when the ratio is not optimum. In addition, the thermal stability at 10% ( $T_{10\%}$ ) is lower for PU1.2 than PU0.85.

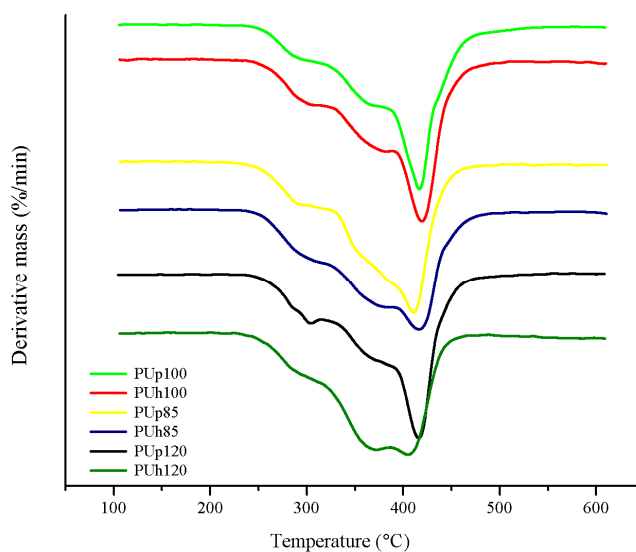
**Table 4: TGA Results**

Amostras	T <sub>10%</sub>	%m <sub>450°C</sub>	T <sub>1</sub>	T <sub>2</sub>	T <sub>f</sub>
PUp1	307,8	15,6	306,0	377,1	416,0
PUh1	304,5	10,5	315,0	382,0	419,2
PUp0.85	298,0	8,1	310,5	386,2	410,6
PUh0.85	298,5	12,3	312,4	387,0	415,8
PUp1.2	293,5	8,6	304,6	380,3	416,0
PUh1.2	297,9	11,0	301,2	371,5	404,6

T<sub>10%</sub>: temperature with 10% mass loss, %m<sub>450°C</sub>: mass remaining at 450°C, T<sub>1</sub>: degradation temperature of rigid segments, T<sub>2</sub>: degradation temperature of flexible segments and T<sub>f</sub>: final degradation temperature.

Analyzing the TGA and DTG curves, Figures 13 and 14, respectively, show that the thermal decomposition follows the same degradation pattern (3 stages) for all evaluated situations: samples with different process variations and hydrolyzed or preserved.

**Figure 13: Thermogravimetry**



**Figure 14:** Derivative mass

The degradation range of 330 °C is related to the degradation of hard segments, such as urethane. The degradation range of 390 °C is attributed to the decomposition of ether bonds, according to research carried out on polyurethane foams [34]. According to TGA studies, segmented polyurethanes usually have two degradation stages, plus the final stage, with increasing temperature [32, 33]. The former usually occurs above 250 °C due to thermolysis of urethane bonds, hard segments [23]. And the second stage of degradation is due to the decomposition of macrodiol components [22]. According to tests carried out with various polyurethanes from prepolymers, two characteristic peaks in the DTG curves can be found, between 260 and 420 °C and between 360 and 440 °C, additionally DTA (differential thermal analysis) results demonstrate that both are considered endothermic reactions. The maximum temperature for the first reaction is due to the destruction of the urethane group, while the second is probably caused by the destruction of the ether bonds [35].

Ratifying the above, FT-IR evaluations were performed on different samples of polyurethanes degraded at 300 °C, demonstrating the reduction of absorbance in the characteristic urethane peaks. They also showed, through the DTA peaks, that the process is endothermic, initially attributed to the diol and diamine volatilization, which are produced in the decomposition of the urethane group. The study further demonstrates that a higher thermal stability correlates with a higher degree of phase separation, however, in case of a degradation in nitrogen atmosphere, a higher phase mixture favors the thermal stability at high temperatures after the dissociation of the hydrogen bonding in urethane [32].



Finally, we have the DSC analysis for the three preserved and hydrolyzed PU1, PU0.85 and PU1.2 sample sets. Table 5 shows the comparison of materials PU1, PU0.85 and PU1.2 with regard to glass transition temperatures ( $T_g$ ), as well as the melting temperatures of hard segments ( $T_{f1}$ ) and soft segments ( $T_{f2}$ ).

**Table 5: DSC Results**

Samples	$T_g$ [°C]	$T_{f1}$ [°C]	$T_{f2}$ [°C]
PU <sub>p</sub> 1	-56,0	208,7	294,6
PU <sub>h</sub> 1	-56,4	209,0	294,3
PU <sub>p</sub> 0.85	-50,3	207,1	315,3
PU <sub>h</sub> 0.85	-55,3	206,4	304,3
PU <sub>p</sub> 1.2	-50,0	218,1	319,9
PU <sub>h</sub> 1.2	-42,4	213,1	305,3

$T_g$  (°C): glass transition temperature,  $T_{f1}$  (°C): melting temperature 1 and  $T_{f2}$  (°C): melting temperature 2.

Evaluating the PU1 material it is observed that the glass transition temperatures of the two samples are identical, as well as the temperatures of the two endothermic processes  $T_{f1}$  and  $T_{f2}$ , approximately 209 and 294 °C, respectively. This result indicates that the hydrolysis process is not favoring the formation of new chemical bonds between the two segments. According to the observed values for  $\%m_{450^\circ\text{C}}$  (Table 4), the hydrolysis process presented mass loss for only this sample.

Glass transition temperatures ( $T_g$ ) between -65 and -48 °C are reported in the literature as the glass transition temperatures of the soft segments of the evaluated polyurethanes, where lower temperatures are attributed to the higher polyol molar masses due to the strengthening of the end of the polyol chain in the soft segment by chemical bonding to the hard urethane blocks [35]. Also, the authors attribute the decrease in  $T_g$  with the increase in the length of the urethane segment, verified in polyurethanes produced from prepolymers. Additionally, temperatures between -41 and 35 °C are attributed to the amorphous phase relaxation, this glass transition temperature is usually accompanied by an endothermic peak related to the relaxation of the crystalline part. However, this phenomenon was not observed in this research, just as only a few of the polymers studied by the authors demonstrated a third glass transition temperature, which is attributed to the hard segments [35].

Polyurethane transition temperatures are directly related to the degree of segregation between the hard and soft segments. The short soft segments may dissolve in the soft micro phase if their length is less than the critical length for the separation of the micro phase. This dissolution process increases the glass transition temperature of the soft micro phase and decreases the material's response to low temperatures [23].

For PU0.85 samples, there is an increase in the second stage degradation temperature ( $T_{f2}$ ), especially in the preserved sample which is 315.3 °C, however, the first stage degradation temperature ( $T_{f1}$ ) is on the same level as compared to PU1 samples. Glass transition temperatures differ from -50.3 to -55.3 °C for preserved and hydrolyzed samples, respectively.

For PU1.2 samples the glass transition temperatures are changed in relation to PU1 samples, especially for the hydrolyzed material, -42.4 °C, as well as the two melting temperatures that are higher when compared to the other studied materials, mainly in relation to the preserved material PU1.2 that reaches levels of 218 and 320 °C for both degradations.

#### IV. CONCLUSION

The change in the proportion of MOCA has a direct influence on the material's resistance to hydrolysis, which can be verified by the reduction of the yield stress, however, even before the material is submitted to the medium (immersion in water for 168h at 70 °C), the mechanical properties are different. From this, it is proposed that hydrolysis occurs in the hard segments, urethane group, by the chemical changes observed through FT-IR analysis and in the soft segments by the reduction of yield stress and by the changes in chemical bonds.

In the case of PU1.2 material, it is understood that excess diamine catalyzing hydrolysis and, in the case of PU0.85, excess NCO are the main causes of reduction of yield stress when samples are hydrolyzed. The possible depolymerization of the urethane group, when surrounded by soft segments in NCO and hydroxyl, by the reaction of NCO with water and formation of secondary bonds, was not observed in this research.

Therefore, for all cases, even with PU1 material, hydrolysis occurs, as demonstrated by FT-IR analyzes, mainly in the ether structure and, to a lesser extent, in urethane structures, however, PU1 samples are the only ones that maintained mechanical and thermal properties of the material analyzed.

Finally, the alterations of the indicated proportions are detrimental to the application of the evaluated material under the defined boundary conditions, being demonstrated by the reduction of the yield stresses.

## ACKNOWLEDGMENTS

The authors thank Tecprene for their sample preparation and IFRS Campus Caxias do Sul for their mechanical characterization.

## REFERENCES

- [1] Le Gac PY, Choqueuse D, Melot D. Description and modeling of polyurethane hydrolysis used as thermal insulation in oil offshore conditions. *Polymer Testing* 2013; 32(8): 1588-93.  
<https://doi.org/10.1016/j.polymertesting.2013.10.009>
- [2] Oertel G, Abele L. *Polyurethane handbook: chemistry, raw materials, processing, application, properties* 1994.
- [3] Szycher M. *Handbook of polyurethanes*, 2nd ed. Taylor & Francis Group, LLC 2012.  
<https://doi.org/10.1201/b12343>
- [4] Somarathna HM, Raman SN, Mohotti D, Mutalib AA, Badri KH. The use of polyurethane for structural and infrastructural engineering applications: A state-of-the-art review. *Construction and Building Materials* 2018; 190: 995-1014.  
<https://doi.org/10.1016/j.conbuildmat.2018.09.166>
- [5] Murray KA, Kennedy JE, McEvoy B, Vrain O, Ryan D, Cowman R, Higginbotham CL. The influence of electron beam irradiation conducted in air on the thermal, chemical, structural and surface properties of medical grade polyurethane. *European Polymer Journal* 2013; 49(7): 1782- 95.  
<https://doi.org/10.1016/j.eurpolymj.2013.03.034>
- [6] Marzec M, Kucińska-Lipka J, Kalaszczyńska I, Janik H. Development of polyurethanes for bone repair. *Materials Science and Engineering: C* 2017; 80: 736-47.  
<https://doi.org/10.1016/j.msec.2017.07.047>
- [7] Pomes B, Derue I, Lucas A, Nguyen JF, Richaud E. Water ageing of urethane dimethacrylate networks. *Polymer degradation and stability* 2018; 154: 195-202.  
<https://doi.org/10.1016/j.polymdegradstab.2018.06.003>
- [8] Stokes K, Cobian K. Polyether polyurethanes for implantable pacemaker leads. *Biomaterials* 1982; 3(4): 225-31.  
[https://doi.org/10.1016/0142-9612\(82\)90024-2](https://doi.org/10.1016/0142-9612(82)90024-2)

- [9] Romero-Azogil L, Benito E, de Iarduya AM, García-Martín MG, Galbis JA. Hydrolytic degradation of d-mannitol-based polyurethanes. *Polymer degradation and stability* 2018; 153: 262-71.  
<https://doi.org/10.1016/j.polymdegradstab.2018.05.009>
- [10] Petrovic ZS, Ferguson J. Polyurethane Elastomers. *Prog Polym Sci* 1991; 16: 695-836.  
[https://doi.org/10.1016/0079-6700\(91\)90011-9](https://doi.org/10.1016/0079-6700(91)90011-9)
- [11] Santana RMC, Forte MMC. Pré-polímeros de pu de alta funcionalidade a partir de poliéter diol. *IPEN* 2009.
- [12] Zimmer B, Nies C, Schmitt C, Possart W. Chemistry, polymer dynamics and mechanical properties of a two-part polyurethane elastomer during and after crosslinking. Part I: dry conditions. *Polymer* 2017; 115: 77-95.  
<https://doi.org/10.1016/j.polymer.2017.03.020>
- [13] Zimmer B, Nies C, Schmitt C, Paulo C, Possart W. Chemistry, polymer dynamics and mechanical properties of a two-part polyurethane elastomer during and after crosslinking. Part II: moist conditions. *Polymer* 2018; 149: 238-52.  
<https://doi.org/10.1016/j.polymer.2018.06.070>
- [14] Tian Q, Almásy L, Yan G, Sun G, Zhou X, Liu J, Krakovsky I, Veres M, Rosta L, Chen B. Small-angle neutron scattering investigation of polyurethane aged in dry and wet air. *Express Polymer Letters* 2014; 8(5).  
<https://doi.org/10.3144/expresspolymlett.2014.38>
- [15] Krol P. Synthesis methods, chemical structures and phase structures of linear polyurethanes. Properties and applications of linear polyurethanes in polyurethane elastomers, copolymers and ionomers. *Progress in materials science* 2007; 52(6): 915-1015.  
<https://doi.org/10.1016/j.pmatsci.2006.11.001>
- [16] Caraculacu AA, Coseri S. Isocyanates in polyaddition processes. Structure and reaction mechanisms. *Progress in Polymer Science* 2001; 26(5): 799-851.  
[https://doi.org/10.1016/S0079-6700\(00\)00033-2](https://doi.org/10.1016/S0079-6700(00)00033-2)
- [17] Davies P, Evrard G. Accelerated ageing of polyurethanes for marine applications. *Polymer Degradation and Stability* 2007; 92(8): 1455-64.  
<https://doi.org/10.1016/j.polymdegradstab.2007.05.016>
- [18] Barendregt RB, Van Den Berg PJ. The degradation of polyurethane. *Thermochim Acta* 1980; 38(2): 181-195.  
[https://doi.org/10.1016/0040-6031\(80\)87059-6](https://doi.org/10.1016/0040-6031(80)87059-6)
- [19] Cauich-Rodríguez JV, Chan-Chan LH, Hernandez-Sánchez F, Cervantes-Uc JM. Degradation of polyurethanes for cardiovascular applications. *Advances in biomaterials science and biomedical applications* 2013: 51-82.

- [20] Hong B, Xian G. Ageing of a thermosetting polyurethane and its pultruded carbon fiber plates subjected to seawater immersion. *Construction and Building Materials* 2018; 165: 514-22.  
<https://doi.org/10.1016/j.conbuildmat.2018.01.042>
- [21] Kumagai S, Motokucho S, Yabuki R, Anzai A, Kameda T, Watanabe A, Nakatani H, Yoshioka T. Effects of hard-and soft-segment composition on pyrolysis characteristics of MDI, BD, and PTMG-based polyurethane elastomers. *Journal of analytical and applied pyrolysis* 2017; 126: 337-45.  
<https://doi.org/10.1016/j.jaap.2017.05.012>
- [22] Xie F, Zhang T, Bryant P, Kurusingal V, Colwell JM, Laycock B. Degradation and stabilization of polyurethane elastomers. *Prog Polym Sci* 2018; 90: 211-268.  
<https://doi.org/10.1016/j.progpolymsci.2018.12.003>
- [23] Prisacariu C. *Polyurethane Elastomers*. Springer- Verlag/Wien, 2011.  
<https://doi.org/10.1007/978-3-7091-0514-6>
- [24] Ludwick A, Aglan H, Abdalla MO, Calhoun M. Degradation behavior of an ultraviolet and hygrothermally aged polyurethane elastomer: Fourier transform infrared and differential scanning calorimetry studies. *Journal of Applied Polymer Science* 2008; 110(2): 712-8.  
<https://doi.org/10.1002/app.28523>
- [25] Wilhelm C, Rivaton A, Gardette JL. Infrared analysis of the photochemical behaviour of segmented polyurethanes: 3. Aromatic diisocyanate based polymers. *Polymer (Guildf)* 1998; 39(5): 1223-1232.  
[https://doi.org/10.1016/S0032-3861\(97\)00353-4](https://doi.org/10.1016/S0032-3861(97)00353-4)
- [26] Rutkowska M, Krasowska K, Heimowska A, Steinka I, Janik H. Degradation of polyurethanes in sea water. *Polymer degradation and Stability* 2002; 76(2): 233-9.  
[https://doi.org/10.1016/S0141-3910\(02\)00019-8](https://doi.org/10.1016/S0141-3910(02)00019-8)
- [27] Wright P, Wright P. Improvements in the Hydrolytic Stability of Polyurethanes. *Aircraft Engineering and Aerospace Technology* 1967; 39(11): 20-3.  
<https://doi.org/10.1108/eb034310>
- [28] Ossefort ZT, Testroet F. Hydrolytic stability of urethane elastomers. *Rubber Chem Technol* 1966; 39: 1308-1327.  
<https://doi.org/10.5254/1.3547140>
- [29] Scholienberger CS, Stewart FD. Thermoplastic Polyurethane Hydrolysis Stability. *J Elastomers Plast* 1971; 3: 28-56.  
<https://doi.org/10.1177/009524437100300103>

- [30] Murata S, Nakajima T, Tsuzaki N, Yasuda M, Kato T. Synthesis and hydrolysis resistance of polyurethane derived from 2, 4-diethyl-1, 5-pentanediol. *Polymer degradation and stability* 1998; 61(3): 527-34.  
[https://doi.org/10.1016/S0141-3910\(97\)00252-8](https://doi.org/10.1016/S0141-3910(97)00252-8)
- [31] Delebecq E, Pascault JP, Boutevin B, Ganachaud F. On the versatility of urethane/urea bonds: reversibility, blocked isocyanate, and non-isocyanate polyurethane. *Chemical reviews* 2012; 113(1): 80-118.  
<https://doi.org/10.1021/cr300195n>
- [32] Wang TL, Hsieh TH. Effect of polyol structure and molecular weight on the thermal stability of segmented poly (urethaneureas). *Polymer degradation and stability* 1997; 55(1): 95-102.  
[https://doi.org/10.1016/S0141-3910\(96\)00130-9](https://doi.org/10.1016/S0141-3910(96)00130-9)
- [33] Petrović ZS, Zavargo Z, Flynn JH, Macknight WJ. Thermal degradation of segmented polyurethanes. *Journal of Applied Polymer Science* 1994; 51(6): 1087-95.  
<https://doi.org/10.1002/app.1994.070510615>
- [34] Gama N, Ferreira A, Barros-Timmons A. 3D printed cork/polyurethane composite foams. *Materials & Design* 2019: 107905.  
<https://doi.org/10.1016/j.matdes.2019.107905>
- [35] Król P, Pilch-Pitera B. Phase structure and thermal stability of crosslinked polyurethane elastomers based on well-defined prepolymers. *Journal of applied polymer science* 2007; 104(3): 1464-74.  
<https://doi.org/10.1002/app.25011>

Received on 01-12-2019, Accepted on 15-12-2019, Published on 20-12-2019

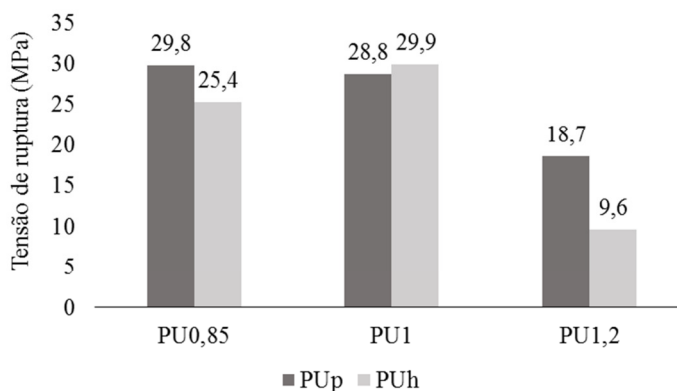
DOI: <https://doi.org/10.6000/1929-5995.2019.08.08>

© 2019 Rigotti *et al.*; Licensee Lifescience Global.

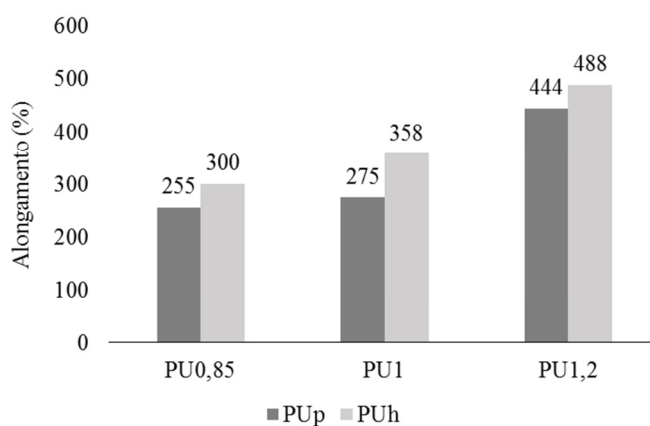
This is an open access article licensed under the terms of the Creative Commons Attribution Non-Commercial License (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/>) which permits unrestricted, non-commercial use, distribution and reproduction in any medium, provided the work is properly cited.

### 3.1 Discussões adicionais

Durante os ensaios mecânicos, a tensão de ruptura e alongamento foram avaliadas. Estas, podem ter sofrido efeito plastificante que reflete na queda da tensão de ruptura e no acréscimo do alongamento [17][19]. Dados preliminares são demonstrados nas Figuras 1 e 2, entretanto, devido à quantidade de amostras não serem estatisticamente representativas esses resultados carecem de maior investigação e análise para correlacionar com o mecanismo de degradação estudado.



**Figura 1** – Tensão de ruptura



**Figura 2** – Alongamento

## 4 CONCLUSÕES

Os resultados demonstrados no Artigo 1 demonstram que há degradação do material empregado dentro das condições de contorno e parâmetros estabelecidos. Também, considera-se que os parâmetros, temperatura e tempo de exposição, empregados para avaliação do mecanismo de falha são adequados. Assim como, considera-se que o Artigo 2 complementa o Artigo 1 pois estabelece um padrão comparativo no que diz respeito às alterações químicas decorrentes do processo de hidrólise, observadas na Tabela 3 do Artigo 2, e as respectivas alterações das propriedades térmicas das amostras estudadas

A alteração da proporção de MOCA tem influência direta na resistência do material à hidrólise, o que pode ser verificado pela redução da tensão de escoamento, todavia, antes mesmo da submissão do material ao meio (imersão em água por 168h a 70°C), as propriedades mecânicas se mostram diferentes. A partir disso, propõem-se que a hidrólise ocorra nos segmentos rígidos, grupo uretano, pelas alterações químicas observadas através das análises de FTIR e se dê nos segmentos flexíveis pela redução da tensão de escoamento e, também, pelas alterações das ligações químicas.

No caso do material PU1,2, entende-se que o excesso de diamina catalisando a hidrólise e, no caso do PU0,85, o excesso de NCO são as principais causas da redução da tensão de escoamento quando as amostras são submetidas à hidrólise. Já a possível despolimerização do grupo uretano, quando rodeado de segmentos flexíveis, em NCO e hidroxila, pela reação do NCO com água e formação de ligações secundárias, não foi observada nesta pesquisa.

Portanto, para todos os casos, mesmo com material PU1, a hidrólise ocorre, conforme demonstrado nas análises de FTIR, principalmente na estrutura do éter e, com menor intensidade, nas estruturas de uretano, porém, as amostras PU1 são as únicas que mantiveram as propriedades mecânicas e térmicas do material analisado.

Por fim, as alterações das proporções indicadas mostram-se prejudiciais para a aplicação do material avaliado nas condições de contorno definidas, sendo isso demonstrado pelas reduções das tensões de escoamento.

Assim, com as avaliações realizadas podem-se estabelecer métodos de controle de inspeção e formas de comparação quando do desenvolvimento ou necessidade de implementação de um novo material para essa aplicação.



#### **4.1 Possibilidades de trabalhos futuros**

Entende-se que mais investigações para caracterização do material citado podem ser de grande valia, ensaios de ciclagem, como: DMA (*Dynamic mechanical analysis*) e ciclos de hidrólise são complementarmente relacionados à aplicação do mesmo, suspensão veicular, pois estas estão submetidas a carregamentos cíclicos e condições de ambientais não-lineares.

Adicionalmente, entende-se que o processamento dos materiais com diferentes proporções em outra temperatura de cura seria importante como avaliação e correlação com as características encontradas.

E por fim, a caracterização das propriedades mecânicas de resistência à tração e alongamento conforme discutido no item 3.1 deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- [1] P. Y. Le Gaca, D. Choqueusea, and D. Melot, “Description and modeling of polyurethane hydrolysis used as thermal insulation in oil offshore conditions,” **Polym. Test.**, vol. 32, no. 8, pp. 1588–1593, 2013.
- [2] G. Oertel, **Polyurethane handbook: chemistry, raw materials, processing application, properties**, 2nd ed. New York: Hanser Pub Inc, 1994.
- [3] M. Szycher, **Handbook of polyurethanes**, 2nd ed. Taylor & Francis Group, LLC, 2012.
- [4] H. M. C. C. Somarathna, S. N. Raman, D. Mohotti, A. A. Mutalib, and K. H. Badri, “The use of polyurethane for structural and infrastructural engineering applications: A state-of-the-art review,” **Constr. Build. Mater.**, vol. 190, pp. 995–1014, 2018.
- [5] K. A. Murray et al., “The influence of electron beam irradiation conducted in air on the thermal, chemical, structural and surface properties of medical grade polyurethane,” **Eur. Polym. J.**, vol. 49, no. 7, pp. 1782–1795, 2013.
- [6] M. Marzec, J. Kucińska-Lipka, I. Kalaszczyńska, and H. Janik, “Development of polyurethanes for bone repair,” **Mater. Sci. Eng. C**, vol. 80, pp. 736–747, 2017.
- [7] B. Pomes, I. Derue, A. Lucas, J. F. Nguyen, and E. Richaud, “Water ageing of urethane dimethacrylate networks,” *Polym. Degrad. Stab.*, vol. 154, pp. 195–202, 2018.
- [8] K. Stokes and K. Cobian, “Polyether polyurethanes for implantable pacemaker leads,” **Biomaterials**, vol. 3, no. 4, pp. 225–231, 1982.
- [9] L. Romero-Azogil, E. Benito, A. Martínez de Ilarduya, M. G. García-Martín, and J. A. Galbis, “Hydrolytic degradation of D-mannitol-based polyurethanes,” **Polym. Degrad. Stab.**, vol. 153, pp. 262–271, 2018.
- [10] F. Awaja, S. Zhang, M. Tripathi, A. Nikiforov, and N. Pugno, “Cracks, microcracks and fracture in polymer structures: Formation, detection, autonomic repair,” *Prog. Mater. Sci.*, vol. 83, pp. 536–573, 2016.
- [11] P. Davies and G. Evrard, “Accelerated ageing of polyurethanes for marine applications,” **Polym. Degrad. Stab.**, vol. 92, no. 8, pp. 1455–1464, 2007.
- [12] M. Rutkowska, K. Krasowska, A. Heimowska, I. Steinka, and H. Janik, “Degradation of polyurethanes in sea water,” **Polym. Degrad. Stab.**, vol. 76, no. 2, pp. 233–239, 2002.
- [13] P. Wright, “Improvements in the Hydrolytic Stability of Polyurethanes,” **Aircr. Eng. Aerosp. Technol.**, vol. 39, no. 11, pp. 20–23, 1967.
- [14] Z. T. Ossefort and F. . Testroet, “Hydrolytic stability of urethane elastomers,” **Rubber Chem. Technol.**, no. 39, pp. 1308–1327, 1966.

- [15] ASTM D638, “**Standard test method for tensile properties of plastics,**” ASTM International, vol. 08. pp. 46–58, 2015.
- [16] ASTM D3137, “**Standard Test Method for Rubber Property — Hydrolytic Stability.**” ASTM International, 2018.
- [17] C. S. Scholienberger and F. D. Stewart, “Thermoplastic Polyurethane Hydrolysis Stability,” **J. Elastomers Plast.**, no. 3:28, 1971.
- [18] S. Murata, T. Nakajima, N. Tsuzaki, M. Yasuda, and T. Katob, “Synthesis and hydrolysis resistance of polyurethane,” **Polym. Degrad. Stab.**, no. 61, pp. 527–534, 1998.
- [19] B. Hong and G. Xian, “Ageing of a thermosetting polyurethane and its pultruded carbon fiber plates subjected to seawater immersion,” *Constr. Build. Mater.*, vol. 165, pp. 514–522, 2018.